

Preços

Anno 12\$000
Semestre 8\$000

Avulso 200 Reis
Atrasado 300 Reis

AUCTORIDADE

Orgão do Centro dos Estudantes Monarchistas de S. Paulo

Redactor-Chefe: **Angelo Mendes**

Redactor-Secretario: **Alvaro de Souza Queirós**

REDACÇÃO

ADMINISTRAÇÃO

N. 2, Rua da Quitanda N. 2

Sobrado

Os originaes não se-
rão restituídos, ainda
que não publicados.

Confissões

De vez em quando a consciên-
cia de alguns republicanos dá
razão aos monarchistas; e isto não
deixa de ser para nós um grande
consolo, porque vemos que nem
tudo está perdido no Brazil.

A proposito da questão da ilha
de Cuba, o *Correio Paulistano*,
de 3 do corrente, fez *confissões*
de alto valor para todos os que
querem a restauração do Imperio;
começando por denominar pura-
mente *sentimental* a politica que
se propõe a obter do Congresso
da Republica o reconhecimento
da *belligerancia* para os insur-
rectos cubanos....

Em verdade, causou-nos estra-
nheza esse modo de ver a questão
de Cuba, por parte do *Correio*
Paulistano, em manifesta contra-
posição ao *Estado de S. Paulo*,
ambos republicanos da *gemma*.
Por que motivo esse cheque de
opinões entre taes *fidalgos* da
Republica?

Mas, isso não é tudo. O *Correio*
Paulistano ridicularisa tanto o
projecto da *belligerancia* dos in-
surrectos cubanos que vale bem
a pena transcrever na *Auctori-
dade* suas phrases e seus con-
ceitos.

Depois de ponderar que a Hes-
panha tem neste momento em
Cuba «um exercito de cento e
cincoenta mil homens aguerridos
e bravos», e que, reconhecendo
a *belligerancia* dos cubanos in-
surrectos, o Brazil «tomaria uma
posição que, por brilhante e au-
daz, não deixaria de recordar
os *arremessos bravos* de D.
Quixote», acrescentou:

«O que iria Cuba fazer com
o novo reconhecimento?»

«Não temos estaleiros, nem
armadores, nem fabricas, nem
capitalistas que lhe forneçam
navios, couraçados, canhões e di-
nheiro.

«No mappa das nações, o
nosso lugar, como potencia, é
abaixo da Argentina e do Chile
e um pouquinho acima da
Venezuela e Guatemala, de modo
que nem mesmo força moral,
prestigio, incitamento, resulta-
ram para a causa dos insurrec-
tos.

«O que desejam os signatarios
da indicação que Cuba faça do
novo reconhecimento?»



Dr. Antonio Ferreira de Castilho

O retrato acima é o de um dos desiludidos da Republica. Não é que elle
não conhecesse os inconvenientes e os perigos da forma republicana, nem des-
crese da restauração da monarchia, visto que seu espirito estava educado na
sciencia politica ingleza, por apreciar muito a leitura de Chatam, Fox, Burke,
Macaulay e outros, sendo tambem assiduo leitor das obras de Guizot, Thiers e
outros politicos francezes; mas, decorrido algum tempo após a proclamação da
Republica, tratando-se de aproveitar varios elementos para moderar no Estado
de S. Paulo a politica violenta, immoral e desastrada dos *generaes*, entendeu
não poder nem dever recusar seu apoio ao Dr. Americo Brasiliense. Afinal,
reconheceu que se enganara, e que seu patriotismo o deveria reconduzir às
suas ideias puramente monarchistas. A Republica poderia dar somente desgraças
à Patria e desgostos aos que cooperassem para a sua sustentação.

Terá pouco mais de quarenta annos de idade; mas, por seu espirito de mo-
deração, estando sempre disposto a desmanchar diferenças entre os amigos,
parece mais velho. Seus conselhos são sempre prudentes e conciliadores.

Foi filiado ao partido liberal, desde que obteve o grão de bacharel em
sciencias juridicas e sociais em 1872; e, já em 1876, os seus correligionarios o
elegiam deputado à assembleia legislativa provincial, onde manifestou seus dotes
oratorios.

Serviu o cargo de promotor publico na comarca de Itajubá, em Minas Geraes,
e, depois, o de juiz municipal e de orfão de Guaratinguetá, nesta provincia; e,
segundo as tradições desse tempo, houve-se sempre com zelo e imparcialidade
no exercicio desses cargos.

Tambem exercitou com a maior honorabilidade a profissão de advogado.

Actualmente, é fazendeiro de café, e tem funcionado na directoria do Banco
de S. Paulo.

Em somma, é um homem de merito real, aliando a uma vontade inquebran-
tavel uma grande confiança no futuro, por sua fé em Deus.

Com essas qualidades, que tanto o enaltecem, os monarchistas quizeram,
apesar de sua recusa, que elle fosse um dos membros do Directorio do Partido
em S. Paulo; e elle submittense.

A sociedade academica monarchista de S. Paulo o satella

«O menor perigo, pelo lado
de Hespanha, seria o della mandar
o *Pelayo*, o *Destructor* ou mes-
mo a *Numancia* à bahia de Gua-
nabara, para fazer dançar, a bar-
bara melodia do canhoneio, a torre
da Candelaria.

«O risco maior e o mais pro-
vavel, que correriamos, seria o de
Hespanha responder à nossa pro-
vocação com uma gargalhada.

«Pensarão os illustres depu-
tados que, uma vez reconhecida
pelo Brazil a *belligerancia* dos
cubanos, a Hespanha *enfriará de
medo* e immediatamente procla-
mará a independencia da ilha?
Que ventura!

«A Camara só tem uma linha
de conducta: rejeitar a indicação.
Caso, porem, a aceite, o bom senso,
o patriotismo, o respeito aos jus-
tos melindres de uma nação amiga,
as boas praticas internacionaes
estão a bradar ao honrado Pre-
sidente da Republica que, ao
convite da Camara, o que de me-
lhor tem s. exc. a fazer — é não
fazer nada.»

Bravo! Já ha em republicanos
algum bom senso....

Mas, esperemos.... e pondere-
mos um pouco.... Esta opinião do
Correio Paulistano, a taes des-
horas, tem marosca: ha ali ca-
veira de burro....

Examinemos essa rapida con-
versão, que parece imposta pela
attitude inversa do *Estado de S.
Paulo* para com a Hespanha....

Quando ha algum conflicto do-
mestico, ou mesmo alguma intriga
de salão, ou mesmo de rua, to-
dos costumam exclamar: *Cherchez
la femme!* Assim tambem, at-
tendendo à desordem moral da
Republica, e vendo que em tudo
anda o dolo do *general Glycerio*,
bem podemos exclamar: «Procurem
o *leader!*»

Parece que, a proposito da
questão cubana, o *general Gly-
cerio* quer fazer embrulho inter-
nacional, para *amedrontar* a Eu-
ropa. Mas, para deixar uma boa
sahida, escreveu aos dous jornaes
republicanos daqui, o *Estado de
S. Paulo* e o *Correio Paulistano*,
para tomarem attitudes juxta-
postas: um por Cuba, outro pela
Hespanha. Que sabedoria! Que
requinte de diplomacia!

Se a situação complicar-se com
a Hespanha, o *general* repudiará
o que o *Estado de S. Paulo*
escreveu, mostrando-lhe o *Cor-
reio Paulistano*. Se, ao contrario
a sorte favorecer os insurrectos
cubanos, outra, sem duvida, será

a manobra repudiar o que o *Correio Paulistano* escreve, mostrando ao ministro americano e aos agentes dos cubanos o *Estado de S. Paulo*.

E fallam os velhos politicos em Metternich! O *general* Glycerio, alem do eximo *financiero*, e hoje o primeiro diplomata do Brazil, e, por consequente, o primeiro diplomata do mundo.

Entretanto, deixemos registar aqui as confissões do *Correio Paulistano*, organ do governo estadual. Deste lado, a Hespanha pode por ora descansar: — os insurrectos cubanos não hão de receber dos paulistas o minimo auxilio. Sabe-se que já a *legalidade* no Rio Grande custou-nos os olhos da cara, em dinheiro e em gente...

Alf. Mendes

Verdades

—0—

Si quereis estabelecer o confronto entre a Monarchia e a Republica, diz em outros termos a *Liberdade*, em artigo de fundo, « não vades fallar aos magnatas, nem aos representantes da nação, nem aos funcionarios publicos. Estes protestarão vehemente e gabará as excellencias desta Republica, donde tiram tantos proveitos ».

Perguntai ás classes pobres, e de lá só ouvireis gemidos e queixumes ».

Achamos perfeitamente certa esta opinião. Com effeito, quem mais soffre com a forma actual de governo, são as classes pobres.

Aquelles magnatas, ahiados, parentes e protegidos dos que nos governam, só vêm na Republica uma boa especulação. Estes, que, sem talento nem illustração, viviam humildes, vêem-se de um momento para outro enriquecidos, importantes e adulados. Gaígarão as posições mais elevadas, e, calmos, satisfeitos, gozam das vantagens que a elles a Republica offerece, e nem cuidam que por elles o povo soffre e passa miséria, em quanto elles se banqueteiam sob o breu dos destróços do Thesouro.

Não se contentam os actuaes governantes em satisfazerem a sua propria ambição. Querem que também os seus ahiados, os seus parentes, em somma todos os seus protegidos, não sejam esquecidos, e que tomem também lugar na melonha pilagem da patria.

E por isso que, constantemente, vemos nomeações para lugares importantes, de homens que não gozam de prestigio algum, e ás vezes cuja má vida é bastante conhecida.

Querem cercar-se de parentes, para que elles, tendo adquirido o maximo, gozem no menos do resto na pessoa de um parente.

Dahi o augmento do functionalismo, do mais conhecido neste banquete, a que a patria assiste entristecida e moribunda.

A estes não peço um confronto. Não saciados, querem mais, mais, mais. A Republica continua a ser a mesma, mas a miséria patetica e visivelmente, pouco importa, além nada. Assim, nada se abala, porque de dia em dia enriquecem mais.

Em quanto continua esta orgia, e homens sem consciencia e escrúpulos delapidam o que em 60 annos, com admiravel sabedoria a Monarchia ajuntou, gemem na maior miséria as classes pobres. A ellas perguntai si a Republica é boa, se ella trouxe felicidades, com certeza responderão: « Durante a Monarchia, o cambio estava a 27, tudo era mais barato, o que hoje compramos por 3, compravamos por 1; com um dia de trabalho, ganhavamos o sustento que hoje com 3 não podemos ganhar. Tinhamos por consequente mais sociego e calma. Os impostos que pagavamos eram insignificantes, e hoje, com o augmento de preço, ainda os impostos que duplicaram. Temos que trabalhar muito mais, e apezar disso soffremos miséria ».

O preço de nosso trabalho não augmentou proporcionalmente com as nossas despesas.

Tinhamos paz, não pensavamos em politica, porque sabiamos que os nossos administradores cuidavam de nós, que tinhamos para nos dirigir D. Pedro II o Bom.

Hoje, não temos mais paz, a guerra civil nos desola, podemos ser inopinadamente alistados como soldados, e as nossas mulheres, os nossos filhos ficarão sem pão. A calma que gozavamos, substituiu-se um estado de receio e prehenção para o futuro. Oh! mil vezes a Monarchia que ella venha logo desaparecer a Republica como um terrivel pesadelo!! »

Isto é o que ellas certamente responderão e com grande razão. Venha pois logo a Monarchia, e quanto antes desapareça a Republica!

Alvaro Queiroz

“Patria”

—0—

Ninguém respeita mais o sacerdote catholico do que os redactores da *Auctoridade*. Mas, isso não significa que devamos tolerar aos padres suas demasias e imprudencias, collocando-se elles na posição de cathoquistas e não na de botocudos. Alto lá!

Lendo o penultimo numero do hebdomadario *Patria*, deparámos com um noticiario relativo ao hebdomadario *Republica*, organ dos estudantes republicanos de nossa Faculdade de Direito, espalhando francamente « a forma im-peccavel », com o ideal republicano.

Deveriamos ficar calados ante essa heresia, escripta por padres? Poderiam os redactores do *Patria* declarar-se republicanos? Quem de elles licencia para isso? Se querem ser republicanos, qual é razão por que não fundam o seu jornal? Por que aproveitam-se do *Patria*, organ da Federação Catholica, para especularem com o Governo da Republica, a bem de suas pretensões pessoais?

O hebdomadario *Patria*, como organ da Federação Catholica, não pode ter politica: não deve ser monarchista, assim como não pode ser republicano. Foi, portanto, um abuso esse noticiario, com referencia ao *Republica*.

Para evitar que os padres, redactores do *Patria*, queiram escapar a penitencia que estão o-

brigados a fazer, vamos reproduzir aquella sua noticia:

« REPUBLICA. — Visitou-nos, pela primeira vez, a *Republica*, organ da nossa Faculdade de Direito, já tão celebre pelos grandes nomes que lhe sagram o direito ás homenagens da nova geração ».

« E também o retrato, a biographia do laureado maestro Carlos Gomes, bons artigos e um excellentissimo album litterario ».

« Nossos sinceros parabens aos talentosos moços que a dirigem — cultores dedicados da forma im-peccavel, patriotas ardentes, trabalhadores incansaveis do ideal republicano ».

« A *Republica* é uma prova bastante *sexuvel* de que não se acham, como se diz, abatidos e quebrados os brios academicos, e muito menos perdidas as gloriosas tradições do nosso primeiro e mais importante estabelecimento da instrução publica ».

Querem agora esconder isso? e explicar que, referindo-se ao *Republica*, não tiveram em vista senão usar de phrases cortezes e de boa educacão...

A resposta, dada por esses padres a nós da *Auctoridade*, bem patenteia qual a *boa educacão* e o *bom tom* delles. Bem poderiamos dar-lhes resposta consoante ás suas ousadias; mas queremos dar-lhes o exemplo de moderação e sensatez na polemica.

Vamos enumerar as *amabilidades*, com que fomos minoseados por esses bons padres, que se julgam com direito ao respeito dos outros, só porque vestem uma *batina*. O sacerdote catholico deve corresponder ás *ordens sacras* que receberam; deve ser virtuoso, isto é, tem a obrigação de praticar todas as virtudes, a *humildade*, a *pureza*, a *caridade*, e as demais que a Igreja lhes impoz quando o sagrou: se as não tem, ou não as pratica, e não é correto por quem de direito, é bem de vêr que não merece o pretendido respeito. Os eremitas, segundo um grande escriptor catholico, « não se santificaram tanto pelo grande numero das suas communhões, como principalmente pela sua correspondencia ao fim de sua vocação ».

Eis as *amabilidades* desses bons padres para conosco:

« Supinamente atrevido e malcriado o ultimo numero da *Auctoridade* ».

« Intolerancia illota e pouco sensata... »

« Farçantes! »

« Siga o nobre exemplo do *Commercio* de S. Paulo, cuja redacção sabe lêr e interpretar um pequeno livro intitulado — *Manual do bom tom* ».

E mais outras, espalhadas no desafortunado artigo, que põe a mostra a origem do individuo que o escreveu...

Não usaremos, porém, de represalias, redarguindo-lhes no mesmo tom. Para que? O publico pode bem apreciar-nos para julgarmos, lendo o que escrevemos e o que os padres do *Patria* garrularam em resposta desalmada.

da pela paixão que a dictou.

O que está assentado, e resulta dessa mesma resposta, é que a pessoal da redacção do *Patria*, apesar da bandeira *positivista* da Republica, e de suas instituições dogmáticas de Deus, é republicano, embora cubrinho-se com a *batina*; que elles aproveitam esse hebdomadario, destinado exclusivamente ás questões religiosas, para ostentarem suas predilecções politicas republicanas; que, enfim, julgam-se com direito a descompor-nos como *malcreados, atrevidos, farçantes*, e mais *amabilidades* de suas finissimas elucubrões...

Basta. Pardoem-nos, se se julgarem agravados por esta republica. E attentam que, referindo-nos a *alguns* padres do Seminario Episcopal, não quizemos metter na discussão essa « *primavera* » instituição religiosa da Diocese », e como malignamente o pretenderam ao artigo, ora replicado.

E também dizemos: « Ponto final. » Por isso, deixamos de examinar a these — « se o padre deve ou não ter fechada sua porta aos que não commungam as suas crencas religiosas », á luz do ensino da Igreja.

Todavia, se os sabios padres do *Patria* n-l-o permittem, lembramos-lhes -hemos que S. João, na segunda epistola, 10 e 11, deixou-nos lição diversa:

« Se algum vem a vós, e não traz esta doutrina, não o recebaes em vossa casa, nem lhe digaes *Deus te salve*. Por que o que lhe diz *Deus te salve*, communica com as suas malignas obras. »

Permittam nos ainda que não deixemos passar sem reverente reparo o trecho relativo à *preferencia* dada pelos bons padres ao adversario *leal, delicado e cortez*, isto é, ao *impro* maneiro e se ductor, sobre o catholico *malcreado*, que não se deixa cavalgar pelos que do padre só querem o uso da *batina* e os retilhos das ordens recebidas. Olhem que S. Francisco de Sales ensinou exactamente o inverso: « E preferível o catholico desonesto ao *impro* honesto, porque este procura justificar sua *imprudencia* por uma honestidade apenas apparente, para melhor illudir, ao passo que o catholico, condemnado pela doutrina professada sua desonestidade, acabará por corrigir-se ».

Confessemos que, no seu artigo, filho de paixões condemnaveis, o caracter sacerdotal mascarou-se para deixar apparecer somente o caracter politico, e francosamente *revolucionario*, pois que tanto importa fazer *salameleiros* a esta Republica do atheismo, da guerra ás instituições christãs, dos assassinatos, das violencias, dos roubos, das gatunagens, das moedas falsas, e de todos os proccesos inventados e postos em pratica no Brazil por Satanaz.

Não é sufficiente que o padre se esquivie a mostrar suas opiniões politicas: é essencial que, para a sustentação de sua fé, pratique as virtudes necessarias, e affronte,

até ao martyrio, os inimigos da Igreja. A *batina*, por si só, não sanctifica o padre; e nem o salva da condemnacão eterna, se ao contrario applaude e abraça os adversarios de sua Religião. Das ora um discipulo de Jesus; e isso não o salva, desde que trahio o seu Divino Mestre. Já S. Francisco de Sales aconselhava aos peccadores que procurassem com preferencia para as confissões *sacerdotes virtuosos*; reconhecendo assim que, ha muitos que não o são. E, neste *fin de siècle*, acabam de ser descobertos os *padres luciferinos*, em notavel obra vendida na mesma Agencia do *Patria*...

Longo de nós o pensamento de attribuir aos nossos contemporaneos a falta de virtudes: — apenas os accusamos de odio *partidario*, ainda mais excitado pela dor que soffreram quando lhes pigmão os callos...

Se os redactores do *Patria* quizessem ser justos, deveriam confessar o seu erro, ou mesmo simples *descuido*; não tinham necessidade de aconselhar-nos, com as mãos lambuzadas nos mesmos peccados, de que nos arguam, a leitura do *Livro do bom tom*, certamente nunca lido por elles... Nem a Igreja, atroz da qual se acorrem, lucra coisa alguma com essas imprudencias *sacerdotales*, visto que cada um sabe bem os seus deveres de christão catholico, e não confunde com a Religião o padre que não guarda as veredas do Deus.

Nada mais cumpre-nos dizer: o melhor será a todos nós a pratica do sábio conselho de S. Philippe Nery, embora para o excessivo escrúpulo nas confissões: « Quanto mais se varre, mais pó se levanta ».

Pardoem-nos Deus esta correccção fraternal, em nossa pura justificação, e não com o intuito de offensa a quem quer que seja.

Encampação geral

—0—

Considerando as difficuldades nascidas da creação da Aliandega em S. Paulo, e não querendo o *general* Glycerio desgostar os amigos das Docas e os amigos do Banco União, que até hoje esperam indemnização das suas *emissões*, teve ella (o *general*) a idea monumental de encampar todas as *emprezas*. Isto é, a Aliandega de S. Paulo, as Docas de Santos, e o Banco União, depois de *proccedidos* por deliberação de todos os interessados, em assemblea geral que deve ser reunida em uma das salas da Associação Commercial.

Si não é *vera*, é *bene trovato*. Também o Brazil-Republica merece bem a direcção politica, administrativa e financeira de um homem pratico como o *general* Glycerio.

Balburdia

O Burro e a Policia

—10—

O plano financeiro do general Glycerio tem trazido a todos no Rio de Janeiro em grande confusão. E' horrivel a polvadeira levantada nas duas casas do tal Congresso da Republica. Alguns já dizem, contrictos: «isto é mesmo uma republica».

O que esperavam de tanta embulhada, desde que admittiram que o procurador de causas de Campinas, transformado em general, embora de bobagem, se mettesse o taralhão nas finanças do Brazil? Aguentem-se nesse balanço: o homem quer tudo a jado, custe o que custar; os Estados fiquem com as despesas, recebendo em compensação bens, em valor superior a trezentos mil contos de reis, que aliás são a garantia do credito nacional no estrangeiro...

Ora, o estrangeiro! Os nativistas, que são a nata da Republica, e que pelo sangue representam a Africa, não querem saber dos prejuizos do estrangeiro: os inglezes, e em geral os europeus, que emprestaram ao Brazil o seu dinheiro, não têm o direito de objectar cousa alguma ao general Glycerio, que é afinal o supremo dominador da Republica. Um republicano não se abaixa a cogitar de interesses de estrangeiros.

Espanta que o general Glycerio se haja collocado na posição culminante de *mondachura* no Brazil. Os paulistas conhecem-lhe as aptidões: só, pois, a ignoancia dos senadores e dos deputados das outras provincias pode ter-lhe creado, em reitor de seu mequinho vulto, essa aureola de sufficiencia, que já o auctorisou a conceber e expor planos financeiros para salvapão publica...

Onde iremos parar, se o general Glycerio conseguir da ineptia do Congresso a approvação desse seu plano financeiro?

Per felicidade nossa, o Brazil tem credores: e dos taes que desprezam a famosa doutrina Mouroz, porque tem couraçados e cruzadores bem providos de canhões. Se a Republica tem reuzido o Brazil a ser conhecido como *covil de ladrões* não serão os monarchistas que não de obstar às victimas a defeza de seus direitos e a arrecadação de seus dinheiros. Os monarchistas não acatam os planos financeiros do general Glycerio, director supremo da Republica.

Tambem, uma Republica, que tem como seu director supremo o general Glycerio, não pode merecer a consideração dos governos serios da Europa.

O Brazil está desacreditado: o desprezo e o ridiculo dos outros povos o matam.

Pobre Brazil!

Não pensem os leitores que vamos narrar uma fabula, como parece indicar a epigrapha: não, senhores, vamos, apenas, apreciar um facto muito verdadeiro, muito justo e muito *burro humano*lario.

No jornal o *Estado de S. Paulo* n.º 6383, sob a epigrapha — Os municipios, Amparo — se diz: «Naquella cidade foi preso, ante honra, o cocheiro Marciano, porque, tendo empacado o animal que guiava, entendeu que o unico meio de desempacar, era desancar-lhe barbaramente o chicote. A policia pôz termo à selvageria, prendendo-o e conduzindo-o ao xadrez».

Burro feliz! Contou com o apoio e protecção da Policia, que, entretanto, todos os dias, desanca o cidadão a relladas.

Nesta terra de muita fraternidade e muitissima egualdade — o burro é o cidadão e o cidadão o burro. Aquelle apinha, mas não vai para a cadeia: quem vai é o espancador: este, o cidadão, apanha, e ainda com as costas contusas, reclamando amica, o mettem no xadrez. Mas, o Marciano foi ainda muito feliz: deve dar graças ao Todo Poderoso.

Podiam tel-o atrelado à carroça, obrigando-o a desempacar pelo burro, e depois de bem desancado levarem-no para a enchovia.

Foi feliz, não ha duvida.

Como não se envergonhariam os homens do seculo passado, se fosse possivel verem o progresso da legalidade, cousa para ellos desconhecida?

Naquelles tempos de ignorancia, organizavam custosamente os processos contra os conspiradores; hoje, graças à legalidade, basta desconfiar que o são para tocal-os em bando para o kilometro tal, e, no despedadeiro, dar voz de fogo, e lá se vão em pencas, rodando por ali abaixo.

Tão facil, tão comodo...

Processar, como se fazia, os jornalistas que tinham a ousadia de escrever contra os governos, faltando-lhes o respeito e a regular obediencia, é cousa só do seculo passado: hoje, com a legalidade, é só chamar o jornalista, fazelo engolir o jornal em forma de pillulas, e tomar um copo d'agua e prompto...

Um turbulento qualquer, que anda a arengar por praças publicas contra o governo, e em baralho com eleições, é só chamar dois officiaes e ordenar-lhes que descarreguem as suas pistolas na cabeça do agitador, mesmo de dia e nas praças publicas, e fica tudo acabado e bem concluido...

Isto, sim, é caminhar para o progresso; entretanto ha quem diga que retrogradamos d'um modo assustador e que temos nos tornado selvagens, e muito barbaros.

Historias inverosimilheis...

Fique agora o sr. carroceiro muito certo, que burro que em paca, não se esborda, pode-se muito attentiosamente que desem-paque. E nada mais alem d'isso. Tome bem nota do que lhe dizemos. E' assim que o quer a Republica.

Tableau

Zumbindo

—10—



Ora, bem disse o velho Horacio que a gente nunca sabe o bem ou mal que lhe está para acontecer.

Quando poderiamos suppor que haviamos de incorrer nas iras inclementes do «Patria»?

O caso é de pismar, visto que temos sustentado sempre nas nossas columnas a Egreja de Nosso Senhor Jesus Christo, com seus dogmas e seus Evangelhos.

Mas o «Patria» explica bem a cousa. Eis o que elle diz:

«Preferimos o adversario leal, delicado e cortez, ao catholico malcriado e ignorante de seus deveres para com os ministros da Egreja».

Ahi está!

Fique bem consignado o conceito em que o «Patria» tem a fé, a crença catholica!

Sois impio, negaes a Deus, a Jesus Christo, as verdades da fé? Ora, adeus! Mereceis todas as preferencias, porque sois delicado, cortez, lisongeiro!

Tendes fé, credes em Deus Padre, em Jesus Christo, no Espirito Santo, nos mysterios e nos dogmas da religião? Ora, adeus! Da que serve isso, si não sabeis fazer uma visita amavel, si não sabeis fazer festas e macaquices à gente?

Com a devida venia chamamos a preciosa attenção do nosso virtuoso e precioso Prelado para aquella heresia estampada no «Patria» em nome da Federação Catholica de S. Paulo.

Mas o «Patria» não nos disse novidade alguma.

Ha mesmo nesta Diocese um grande numero de padres que vive a detrahir da sinceridade e dos sentimentos christãos de catholicos conspícuos, só e somente porque estes não andam a fazer lhes zumbais.

Agora, essa canalhice vai tomando foros de principio!

É se estampa que o impio delicado e cortez com os padres é preferivel ao catholico que não conhece os meios de captar a sympathia pessoal dos ditos padres!

Ha no «Patria» uma passagem

verdadeiramente impavavel: é quando protesta *repeller nobremente e com a maxima lealdade*, tanto a «Auctoridade» como a «Republica», «sempre que nos ferirem no que temos de mais sagrado — a Religião».

Pois não! Isso escripto apenas doze linhas depois daquelle heresia! Isso escripto por quem já tinha pouca linha antes prefari-lo *Manual do bom tom e do Credo*, os *preceitos de delicadeza e cortezia aos mandamentos de Deus e da Egreja*!

Em todo o caso protestamos contra a hypothese figurada pelo organ da Federação Catholica de S. Paulo a «Auctoridade» nunca feriu e, mercê de Deus, nunca ha de ferir a religião catholica. O mesmo não pode dizer o «Patria» apesar de ser organ da «Federação Catholica de S. Paulo», fundado e mantido com esmolas tiradas nas egrejas...

Antes de preferir o impio amavel ao catholico rude, antes dessa heresia descabellada, já o «Patria» havia feito a apologia da separação entre a Egreja e o Estado, só para crear ensejo de despejar pomposos elogios a um secretario do interior em vespereau de reorganização da respectiva secretaria, na qual era empregado um dos redactores do «Patria»...

Agora, consoante o modo por que o «Patria» entente a religião, é muito provavel que se amudem suas polemicis com a «Auctoridade».

Nós não aceitamos como dever do catholico a submissão a quantos disparates os padres do «Patria» julguem se auctorisados a dizer e a fazer.

Não nos capacitaremos jamais que por sermos catholicos estamos obrigados a encampar as conveniencias pessoais de certos padres, que vivem a crear vantagens e interesses para si.

Não nos capacitaremos jamais que por sermos catholicos estamos obrigados a não contradictar ao «Patria» quantas asneiras e disparates queira publicar embem da Republica e contra a Monarchia sob a capa da religião, mas, de facto, por engrossamento descarado.

Nota final. O «Patria» *derrete-se* todo com a «Republica» porque, diz elle, «um dos seus redactores teve a gentileza de vir pessoalmente, oferecer-nos um numero d'aquelle jornal».

Quem lê isso suppõe que a «Republica» publica-se no bairro da Múica e o «Patria» no bairro da Consolação.

Max, qual! Publica-se a «Republica» nas officinas do «Patria»...

M. G. G. G.

Ainda bem!

Ao mesmo tempo que os padres do *Patria* estavam a endossar a Republica do Brazil como *forma impecavel*, apesar de seu atheismo e de seus crimes, ostentados e proclamados, o padre João Manoel, vigario do Amparo, fazendo penitencia publica, escrevia no jornal *Cidade do Rio*, organ republicano no Rio de Janeiro, exactamente o inverso:

«Se em 1889 eu conhecesse como hoje os republicanos de S. Paulo, por mais desillusões que tivesse do antigo regimen, por mais vehementes que fossem meus sentimentos democraticos, nunca teria commettido a asneira de gritar no parlamento: *abaixo a monarchia: viva a republica*!»

E isto simplesmente porque teria certeza de que nos dariam essa miseria, que por escarneo se decora com o titulo de Republica!

Quem falla a verdade, os padres do *Patria* ou o padre João Manoel?

E é bem consignar que o padre João Manoel foi declarado, ha poucos dias *collaborador emerito* desse heblomadario.

A crise é inevitavel: ou os padres republicanos, se não quizerem fazer penitencia publica de seus erros, retirar-se da redacção desse organ da Federação Catholica, ou os monarchistas serão obrigados a negar apoio a essa esperterza.

E é necessario tornar certo que a typographia do *Patria* foi adquirida com producto de *esmolas pias*, que sem duvida não podiam ter applicação à defeza de atheus, sanguinarios e de asnos.

Sua Santidade Leão XIII

O telegrapho transmittiu-nos a grata noticia — de que Sua Santidade o Papa Leão XIII enviou à Abyssinia um seu representante, a fim de obter do negus Menelik a liberdade de tres ou quatro mil prisioneiros italianos, que estão em seu poder.

Todos acreditam que Menelik accederá ao pedido do Papa, pelo respeito e consideração para com Leão XIII, que indubitavelmente é o primeiro poder moral do mundo.

Como bons catholicos, receberemos com prazer a noticia do bom exito dessa missão pontificia.

Monarchia e Republica

—10—

Bem merece uma penitencia a sciencia da actual situação financeira do Brazil, se estão de boa fé os que adheriram a esta Republica e os que a têm defendido.

São do jornal *Liberdade* os seguintes conceitos:

« A dívida externa legada pela Monarchia, era de lb. 28.000.000, hoje, é quasi de lb. 36.000.000 »

« Subiu a dívida interna fundada a cerca de 400.000.000\$, ao passo que o papel-moeda inconvertivel do Estado e bancario, garantido de facto pelo thesouro, sobe a formidavel cifra de 700.000.000\$000. »

« Assim a nossa dívida passiva, que era, em 1889, de menos de 900.000.000\$, hoje excede a dois milhões de contos; tendo, deste modo, o governo republicano, em menos de sete annos, aggravado os compromissos nacionaes com mais de um milhão e duzentos mil contos! »

Por outro lado, os impostos quadruplicaram, e a despesa vertiginosamente cresceu com exagerados gastos militares esse escandaloso augmento de *funcionarios*, que constituem o principal viveiro dos preselytos do regimen. »

E ainda ha quem não deixa de applaudir esta Republica, que tanto nos tem felicitado?

Infelizmente, ha os interessados na cousa....

Rio Grande do Sul

—o—

Ha complicações no Rio Grande do Sul. Parece que a guerra civil vai reaparecer, segundo as noticias vindas da fronteira. Os federalistas foram ameaçados de violencia: e não mais confiam no governo do dr. Prudente de Moraes.

Atrinem-se por lá com a sua *bandeira branca*, porque os monarchistas querem somente a *bandeira imperial*. Não trabalhamos senão para a restauração do Imperio.

Já lá perdemos o nosso grande almirante Saldanha da Gama e seus companheiros; e basta de emburlosos...

O. P. C. Previti (16)

O ANJO DA TORRE

narrativa

do tempo de Isabel, rainha d'Inglaterra
tradução de

A. MOREIRA BRITO

CAPITULO III

Fazenda de contrabando

— Todos cumpriram pontualmente o seu dever, — disse Edmundo Campian; — capitão Murray, não nos resta agradecer vos e despedir-nos immediatamente de vós.

Perém William Sled o deteve com o gesto e pareceu interrogar o horizonte com certa inquietação.

— O desembarque é impossível aqui, — disse.

— Como? — observou Murray — em tão bella noite, com um mar tão chão, e uma lua que parece velar-se do proposito para

Loucos

A Republica, alem do mais que se sabe, trouxe-nos o augmento dos alienados.

Nesta provincia, por provada insuficiencia do Hospicio, o Governo resolveu crear na cidade de Sorocaba uma *succursal* d'aquelle instituto. E mais *succursaes* serão necessarias; porque a miseria, a fome, as perseguições, e em geral as difficuldades da vida vão perturbando em muitos as faculdades mentaes. Os mais felizes são os que morrem ainda

no pleno gozo de suas faculdades, para poderem receber os ultimos sacramentos. De sorte que, no meio de tudo isso, as epidemias podem ser consideradas um beneficio, para abreviação dos soffrimentos trazidos por esta Republica, de *forma impeccavel*, apesar de atrelada á seita de Augusto Comte.

No Rio de Janeiro, tambem, a questão dos alienados está dando agua pela barba, até ao mesmo *general Glycerio*. O augmento de loucos tem sido espantoso; e não ha mais verba orçamentaria que suporte as despezas do Hospicio. Enquanto não houve Republica no Brazil, o Hospicio estava a cargo da Santa Casa de Misericordia, sob a direcção de Irmãs de Caridade; mas o Governo desta Republica, de *forma impeccavel*, apesar de atrelada á seita de Augusto Comte, quiz puchar para a direcção *civil-politivistica* aquelle estabelecimento, e o resultado foi que, dispensadas as Irmãs de Caridade, os alienados são desmados diariamente pelos mãos tratos, e pelo desmaseio dos batalhadores incansaveis do *ideal republicano*.

No plano financeiro do *general Glycerio*, o Hospicio está destinado ao alijamento, como outros serviços a cargo da União. Quem o receberá? *That is the question*. A

ser agradável aos contrabandistas?

— Eu cá sei, — replicou Sled; — a sabida não é neste momento, e se teimarem em desembarcar e pezar meu, não respondo por nada. Olá! eh! vós outros, — acrescentou inclinando-se sobre o convés, para o lado onde deixara os companheiros; — amarrae a barca á popa do navio e subi. Capitão, é preciso que entreis no Tamisa e o sigaes até encontrar-mos uma nova barca amiga que deve virnos ao encontro.

O capitão fez ainda algumas objecções. Custava-lhe a perceber as intenções do Sled. Conformou-se todavia e levantou ancora, não sem ter exprimido, em voz baixa, a sua admiração aos dois hospiteiros.

Edmundo Campian, pela sua parte, examinava as feições e as maneiras do recém-chegado, e o resultado das suas observações não parecia satisfactorio.

O navio, rebocando a barca, começou de novo a traçar nas a-

Santa Casa de Misericordia parecia recusar, recotando a affluencia de milhares de loucos que a *forma impeccavel* desta bôa Republica lhe levará á porta...

Tornando aos loucos daqui, a nossa policia está a bracos com o systema usado nas localidades do interior — de mandarem soltar nas ruas desta capital os que lá cahem em loucura....

A Republica é isto mesmo.

Disturbios

—o—

No Rio de Janeiro, assim como aqui, succedem-se diariamente disturbios provocados por soldados. O Governo e a policia são impotentes; porque realmente os que tem direito de governar este paiz são as *classes armadas*.

Assim senão, que sorte está reservada ao Brazil?

Ninguém mais pode transitar com segurança em certas ruas e nos arrabaldes, principalmente á noite....

Já se vê que nos aproximamos do fim da Republica.

Mouro na costa

—o—

O *general Glycerio* lembrou-se de telegraphar ao novo governador da Bahia, que é o Dr. Luiz Vianna, felicitando-o e *dando-lhe conselhos*.... Mas, o Dr. Luiz Vianna dirigiu-lhe em resposta outro telegramma, dizendo simplesmente: « *Sciencie*. » E, para melhor accentuar sua attitude, fez immediatamente ao Dr. Ruy Barbosa um longo telegramma, assegurando-lhe que a Bahia ainda conta com elle, como um dos seus notaveis filhos....

Em geral, os politicos das provincias do Norte têm de abandonar a manada *glycerista*.

guas interrompida esteira, mas sem avançar tão rapidamente como antes, porque começava a ter contra si o refluxo.

De todos os rios que banham a Gran-Bretanha, desenrollando-se uns em longas e molles espiraes pelos formosos prados da região do oriente, e cahindo outros em cascatis e fugindo, rapidos e impetuozos como torrentes, atravez das rochas, dos bosques e das montanhas do occidente, o mais notavel, sem comparação, é o Tamisa. O orgulhoso insular conserva a este rio uma veneração igual á do allemão pelo Rheno, *Vater Rhein*; dá-lhe tambem o nome de pae: *Old father Thames*, e a prevenção popular attribue ás suas aguas mil virtudes estranhas e magicas. Não se en-gana, porque a Inglaterra lhe deve o seu poder e riqueza. Pela Tamisa é que as cinco partes do mundo lhe são tributarias, podendo subit-o todos os navios de commercio e de guerra, ainda os maiores, graças a maré, até

Mococa

Os monarchistas de Mococa resolveram constituir-se em Club com directorio local.

Brevemente será publicado o seu manifesto. Um de seus trechos é relativo á bandeira:

« Não é a bandeira de uma seita nem de um grupo. Não é

a bandeira de 15 de Novembro.

Não é a bandeira de um partido

« Não é a bandeira dos V. centos Machado, dos Julio de Castilhos, dos Barbosa Lima.

« É a bandeira da Nação... »

« E esta não recuou no Amapá na Trindade, nem cobriu com

suas dobras ensanguentadas os assassínios de Campo Osorio, de Paraná, de Santa Catharina, de Magé e de Pernambuco! »

« Por isso, eis-nos em campo, a desfaldar francamente a bandeira da restauração. »

Muito bem. Nossas felicitações.

Guaratinguetá

Os nossos amigos se agitam: o Deus os conduzirá.

Houve numerosa reunião na cidade de Guaratinguetá, que, como se sabe é dos lugares mais importantes do norte da provincia; e o grande facto se deu no dia 25 do mez findo.

Escusado é dizer que houve grande animação; e foram proferidos discursos entusiasmaticos.

O Directorio eleito compõe-se dos srns:

Dr. Francisco de Paula Oliveira Borges, João Baptista dos Santos, Francisco de Meirelles Freire, Dr. José Antonio Teixeira Machado, secretario.

Saudamos daqui a energia dos monarchistas de Guaratinguetá. Viva a Monarchia!

“Rio de Janeiro”

Organ genuinamente monarchista

Sob direcção

do

Dr. Cavalcanti Mello

Começou sua publicação na Corte, ou Rio de Janeiro, a 3 de Setembro de 1894.

O segundo jornal monarchista que appareceu depois da catasrophe nacional de 15 de Novembro de 1889.

Publica-se diariamente

Assignaturas para as provincias

Por um anno . . . 28\$000

Por seis mezes . . 14\$000

Assignaturas para a Corte

Por um anno . . . 24\$000

Por seis mezes . . 12\$000

Assignaturas para o estrangeiro

Só por um anno . . 50\$000

ESCRITORIO E REDACÇÃO

53 RUA DOS OURIVES 53

(SOBRADO)

Rio de Janeiro

Unico agente n' esta Cidade a

« Redacção da Auctoridade ».

Rua da Quitanda 2 Sobrado

S. Paulo

que a este espectáculo, começava a esquecer os seus receios e suas peitas, e a achal-os insufficientemente justificados. Não perdera porém de vista completamente o que era objecto d'elles e que parecia dormir, quando notou ao longe, sobre a agua, á prôa do navio, uma debil luz que parecia avançar com o mesmo movimento que este.

Aproximouse e deu alguns passos em torno de Sled sem dizer nada; mas então desapareceu a luz para mostrar-se de novo, um momento depois que elle se afastou.

Preveniu o patrão Murray; e este, depois de ter observado por alguns instantes o phenomeno, se precipitou subitamente sobre o dorminhoco.

Continua

Typ. Schettini
Rua da Gloria 107